

Referência:

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais. In: IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 2001, Goiânia. Anais do IV Seminário de Línguas Estrangeiras. Goiânia: UFG, 2002. v. 1, p. 95-108.

O ENSINO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NAS COMUNIDADES VIRTUAIS

Vilson J. Leffa
Universidade Católica de Pelotas

INTRODUÇÃO

O objetivo desta apresentação é fazer algumas reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras na atualidade. Parte-se do princípio de que vivemos um momento de transição, onde podemos saber de onde viemos, mas temos dificuldade de saber onde estamos, e achamos que é impossível saber para onde vamos. Essa dificuldade em achar uma direção pode ser explicada pela diferença entre caminhar e navegar. Caminhar pressupõe uma estrada em terra firme, construída anteriormente por uma outra pessoa, que deixou os sulcos abertos no chão para direcionar os viajantes. Esta estrada não existe mais. A metáfora agora não é mais caminhar, é navegar. Quando se navega não há caminhos; é impossível abrir sulcos na água. Quando se navega tem-se pela frente apenas a extensão do mar aberto. Quando se caminha, olha-se para baixo, procurando a estrada. Quando se navega olha-se para cima, procurando orientação no sol e nas estrelas.

Para dissertar sobre o ensino de línguas estrangeiras na atualidade, sigo aqui o seguinte roteiro argumentativo. Em primeiro lugar, tento mostrar que há uma diferença básica e importante entre substituição e transformação e procuro argumentar que as mudanças ocorrem mais por um processo de transformação do que de mera substituição.

Argumento depois que o processo da transformação não é linear e

contínuo, mas está sujeito a dois movimentos básicos de fluxo e refluxo, de avanços e recuos. A idéia aqui é mostrar como a evolução das línguas na face da terra tem seguido esse padrão de expansão e de contração, criando a hegemonia de algumas línguas sobre outras, levando ao que alguns autores definem como genocídio lingüístico, ou a perda da diversidade lingüística e cultural.

A partir daí, tento argumentar que o processo de retração das línguas está em relação inversa ao processo de expansão das relações entre as pessoas, causado não só pela evolução dos meios tradicionais de comunicação, facilitando o acesso à informação, mas também e principalmente pela Internet, que transformou as pessoas de meros espectadores em partipantes do processo comunicativo, não só recebendo, mas também produzindo informação. Quando aumentamos nosso círculo de relações para incluir pessoas de outros países e até de outros continentes, não apenas aprendemos a conviver com a diversidade lingüística e cultural, mas iniciamos um lento e gradual processo de unificação, incorporando alguns traços e descartando outros. Minha argumentação é de que a diversidade permanece, só que num outro recorte, não mais geográfico, baseado na aldeia tradicional, mas ocupacional, baseado em comunidades discursivas. Estamos nos unificando geograficamente, mas nos diversificando ocupacionalmente.

Finalmente, tento mostrar como todas essas transformações têm afetado o ensino de línguas estrangeiras, onde o maior desafio não é preparar o aluno para o mundo em que nós vivemos hoje, mas para o mundo em que eles viverão amanhã.

SUBSTITUIÇÃO VERSUS TRANSFORMAÇÃO

Vivemos num mundo que está em constante mudança. Nunca mudamos tanto e tão rapidamente como agora. Mais ainda: nunca as mudanças afetaram tanto a nossa mente como agora. A invenção da roda, por exemplo, afetou mais nossas pernas, ampliando nossa capacidade de locomoção. A invenção do computador, por outro lado, afetou diretamente nossa inteligência, não para substituí-la, como a roda substituiu as pernas, ? porque a inteligência não pode ser substituída ? mas simplesmente para ampliar nossa capacidade de pensar. Mais ainda: as máquinas atuais estão mudando a inteligência, de algo que

sempre foi um atributo exclusivo da nossa individualidade mais íntima para algo que pode ser conectado com o exterior, fazendo com que a inteligência deixe de ser individual para ser coletiva.

É um erro supor que o computador possa substituir o cérebro humano. Poderíamos dizer, jocosamente, que se alguém tem um cérebro que pode ser substituído por um computador, deveria substituí-lo. Na verdade, considerando o estágio atual do desenvolvimento na área da informática, podemos dizer que o computador não substitui nem o cérebro de um inseto. A esse respeito, há uma comparação interessante feita por um especialista da informática, publicada num periódico da área e que reproduzo a seguir.

Existe na natureza um tipo de vespa que mora sozinha em tocas cavadas na areia. São centenas de tocas com centenas de vespas, em áreas relativamente pequenas, mas cada vespa, depois de sair em vôos, maiores ou menores, volta rigorosamente para sua toca, sem se perder. Um biólogo, estudando essas vespas, resolveu fazer a seguinte experiência: esperou que uma vespa saísse de sua toca, voando para longe, e depois cobriu a entrada com areia, deixando-a completamente invisível. Meia hora mais tarde, a vespa voltou, e sem qualquer hesitação, voou exatamente para o ponto onde estava sua toca, agora coberta de areia, abriu-a tranquilamente, e sem qualquer sinal de angústia ou estresse, entrou em sua toca.

O biólogo então fez um exame do que existia ao redor da toca e descobriu que havia três pinhas de uma variedade de pínus. Esperou que a vespa voasse de sua toca, cobriu novamente a entrada com areia e moveu as três pinhas que estavam ao redor da toca para uns dois metros mais adiante, mantendo a mesma disposição geométrica. Mais meia hora de espera e a vespa volta, parece localizar as três pinhas e vai para onde acha que deve estar sua toca. Escava um pouco e descobre que algo está errado. Tranqüilamente, retoma altura, faz alguns giros no ar como se tentasse estabelecer outras coordenadas e vai exatamente para onde estava sua toca, retirando a areia e abrindo novamente a entrada.

Ainda não se inventou, até hoje, uma máquina que seja capaz de agir com a rapidez, presteza e inteligência dessa vespa – como não se criaram ainda programas que sejam capazes de executar tarefas

aparentemente simples como responder a pergunta de um aluno sobre um texto lido, traduzir sem erros um texto de uma língua para outra, ou contar uma piada original. Por mais impressionante que seja a lista de tarefas feitas pelo computador, o que ele não faz é ainda mais impressionante – principalmente em termos de tarefas lingüísticas. O computador só é capaz de agir dentro da previsibilidade daquilo que foi programado com antecedência.

A evolução do homem sobre a face da terra é mais um processo de transformação do que de substituição. Esta é a tese inicial deste trabalho

FLUXO E REFLUXO

As mudanças parecem estar sujeitas, na sua essência, a dois movimentos básicos, que são: de expansão e contração. Numa imagem, talvez um tanto poética, poderíamos dizer que a vida e o universo são dominados por um constante fluxo e refluxo. Não apenas as marés funcionam assim; também nossos pulmões estão sempre se expandindo e se contraindo, o coração, enquanto vivo, está em constante sístole e diástole, dilatação e contração. Indo mais longe, para os confins do universo, sabemos que há estrelas que pulsam. O próprio universo, dizem os astrônomos, expande-se e contrai-se, estando atualmente numa fase de expansão.

Um exemplo de expansão e retração, mais próximo da nossa área de interesse, é o caso da evolução das línguas. Durante milênios, à medida que os povos se espalharam pela terra e se distanciaram entre si, as línguas foram se diversificando e aumentando em número; o latim, por exemplo, transformou-se em francês no que é atualmente a França, em espanhol na Espanha, em português em Portugal, italiano na Itália, e assim por diante.

Com o encolhimento do planeta, as línguas em vez de se afastarem estão agora se aproximando. Atualmente, com a mundialização, estamos assistindo a um movimento de contração, com redução no número de línguas faladas. Os indícios parecem apontar para um mundo, embora ainda muito distante, que vai terminar onde começamos: falando uma única língua. Acredito que essa língua não será qualquer das línguas faladas na atualidade, nem mesmo o inglês, apesar de toda sua hegemonia. As línguas atuais vão desaparecer, mas

não serão substituídas; elas vão evoluir, provavelmente incorporando elementos umas das outras, até formar uma língua única, verdadeiramente universal, o esperanto da humanidade.

Nem mesmo a língua de um país colonizador com um regime de força parece ser capaz de substituir as línguas locais, como foi, por exemplo, o caso do latim popular levado pelos romanos para as regiões conquistadas. O que houve não foi uma substituição, mas uma evolução. Não vingou nem a língua do país colonizado, nem a língua do colonizador. Houve uma fusão que provocou a extinção das duas línguas e o surgimento de uma terceira em cada uma das regiões colonizadas.

Da mesma maneira, o português que se fala no Brasil não é o mesmo que se fala em Portugal, apesar do grande esforço da escola e das gramáticas tradicionais em preservar a “língua de Camões”; entre outros aspectos, a língua trazida pelos portugueses incorporou aqui 2.420 termos do tupi. Para Bagno (2001) a língua portuguesa vive agora um momento de transição:

Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de português. Hoje, ela pode e deve ser chamada de português brasileiro. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de brasileiro (Bagno, 2001, p. 177).

O problema na previsão de Bagno é que o processo histórico da expansão começa a ser substituído pelo da contração. É mais provável que em quinhentos anos ? ou mesmo antes disso ? não estaremos falando nem português nem brasileiro, mas a versão de uma língua hegemônica atual, onde estarão incorporados elementos de outras línguas.

LÍNGUAS MAJORITÁRAS E MINORITÁRIAS

O processo de fusão e contração das línguas pode ser visto também sob uma ótica mais sombria. Para alguns estudiosos (ex. Phillipson, 1992;

Phillipson e Skutnabb-Kangas, 1996; Skutnabb-Kangas, 2000), estamos caminhando para um mundo em que as línguas minoritárias serão gradativamente exterminadas e substituídas pelas línguas hegemônicas ? provocando um verdadeiro genocídio lingüístico. A redução das línguas faladas na face da terra acarreta a extinção da diversidade lingüística, causando uma verdadeira falta de equilíbrio ecológico na comunicação entre as pessoas, o que representa, segundo Skutnabb-Kangas (2000), uma ameaça maior para a humanidade do que a extinção da biodiversidade. As pessoas que não podem mais usar sua língua materna quando se comunicam com outras pessoas ficam em desvantagem na interação com falantes nativos de outras línguas. Na medida em que desaparece o multilingüísmo, desaparecem também o multiculturalismo, a soberania nacional das minorias e até a garantia dos direitos humanos, substituídos pelo imperialismo cultural e lingüístico dos países centrais, resultando na americanização e homogeneização da cultura mundial (Phillipson e Skutnabb-Kangas, 1996, p. 436).

A domínio de uma língua hegemônica sobre as línguas nacionais tem gerado vários protestos, não só nos países periféricos, como também nos países centrais, principalmente França e Japão, onde muitos acadêmicos descobriram que precisavam falar e escrever em inglês para divulgar seu trabalho junto à comunidade científica. No Brasil o episódio mais conhecido é o Projeto de Lei no. 1676, de 1999, do Deputado Federal Aldo Rebelo (Rebelo, 2000), que já inspirou pelo menos um projeto estadual (Cony, 2000). Neste último projeto, apresentado à Assembléia do Estado do Rio Grande do Sul, a autora, para justificar a ameaça que as línguas hegemônicas (principalmente o inglês) representam em relação à língua portuguesa, apresenta o seguinte exemplo:

A invasão de termos estrangeiros tem sido tão intensa que ninguém estranharia se eu fizesse aqui o seguinte relato do meu cotidiano:
Fui ao freezer, abri uma coca diet, e saí cantando um jingle, enquanto ligava meu disc player para ouvir uma música new age. Precisava de um relax. Meu check up indicava stress. Dei um time e fui ler um bestseller no living do meu flat. Desci ao playground;

depois fui fazer o meu Cooper. Na rua, vi novos outdoors e revi velhos amigos do footing. Um deles comunicou-me a aquisição de uma nova maison, com quatro suites e até convidou-me para o open house. Marcamos, inclusive, um happy hour. Tomaríamos um drink, um scotch, de preferência on the rocks. O barman, muito chic, parecia um lord inglês (Cony, 2000, p. 20).

EXPANSÃO DAS RELAÇÕES

A dominação de uma língua hegemônica sobre línguas minoritárias está sem dúvida relacionada a fatores político-econômicos e não é um fantasma criado por determinadas ideologias. Mas há também um outro aspecto que pode até ser mais importante, consequência da evolução histórica da humanidade, e que é a expansão das relações entre as pessoas. Quando se é pequeno o relacionamento com os outros é restrito à família, aos vizinhos mais próximos, aos moradores do prédio. Quando se vai para a escola, o círculo de convivência aumenta para o tamanho da comunidade, e a criança precisa fazer adaptações da língua que traz de casa. Mais tarde quando vai a escola de ensino médio e possivelmente para a universidade fará outras adaptações. A língua falada numa sala de aula universitária, com alunos de diferentes cidades e, às vezes até de diferentes estados, quando não de diferentes países, pode acabar sendo uma fusão de dezenas de dialetos diferentes, originalmente falados por cada um dos alunos na sua infância. O que era, portanto, várias línguas fica reduzido a uma língua única, ainda com variantes individuais, é claro, mas genérica o suficiente para que possa ser produzida e consumida pela comunidade discursiva da sala de aula sem problemas de comunicação, pelo menos no nível da fonologia, léxico e sintaxe.

Isso, do ponto de vista da evolução individual, do que poderia ser chamado de ontogenia. Do ponto de vista da evolução da humanidade, da filogenia, a história não é diferente; o que aconteceu com cada um de nós já aconteceu antes, em escala maior, com a humanidade. Inicialmente, há milhares de anos, quando começou a vida em comunidades fixas, vivia-se em aldeias separadas uma das outras, e a interação entre as pessoas ficava restrita aos habitantes da aldeia.

Fazendo uma adaptação livre de Oliveira Martins (1909), podemos dizer que vida e morte, religião e trabalho, o fogo e o amor, tudo se incluía neste mundo minúsculo, microcosmo que tem por centro a aldeia (p. 126-127). Como não havia escrita, tudo era guardado na memória viva das pessoas; “Cada velho que morria era uma biblioteca que se incendiava” (Lévy, 1999, p. 163)

Mais tarde, essas aldeias evoluíram para as cidades-estado, já com um raio de ação maior, normalmente além dos muros da cidade.

EXPANSÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O grande salto na expansão das relações ocorreu no fim da idade média com a invenção da imprensa; a informação explode numa verdadeira galáxia de dados que começou a se espalhar sobre a face da terra, atingindo um número cada vez maior de pessoas, saindo do círculo restrito da nobreza e incluindo, ainda que lentamente, leitores do povo.

Depois da imprensa, as invenções que mais contribuíram para expandir a informação entre as pessoas foram: o rádio, cuja primeira estação começou a funcionar em 1920; a televisão, com transmissão inaugurada em 1939; e a Internet, que ? como a conhecemos hoje, com interface gráfica e intertexto ? começou a funcionar em 1992. A invenção e o uso do telefone parece ter tido um impacto mais modesto e contribuído menos para a expansão das relações entre as pessoas. A interação por telefone dá-se normalmente com pessoas que já conhecemos e não é uma fonte de novos conhecimentos com a dimensão da imprensa, rádio e televisão. O telefone não chega a ser um meio de comunicação de massa dirigido a um público anônimo, disperso e heterogêneo, como o rádio e a televisão.

Quadro 1 - Marcos na expansão da comunicação

Meio	Ano	Fato marcante
------	-----	---------------

Imprensa	1455	Impressão da bíblia
Telefone	1878	Primeira central telefônica
Rádio	1920	Primeira estação de rádio
Televisão	1939	Primeira transmissão de TV coletiva
Web	1992	Interface gráfica com hipertexto

A idéia de que as coisas não são substituídas, mas evoluem, incorporando traços do que já existe, também permanece em relação aos meios de comunicação: sabemos que o rádio não substituiu a imprensa e que a televisão não substituiu o rádio.

A INTERNET

O que parece ter causado maior impacto nas relações entre as pessoas, no entanto, foi a introdução da Web, em 1992. A Internet, como a conhecemos hoje, com sua interface gráfica e com os recursos de hipertexto e hipermídia, é a fusão de tudo o que já tinha sido inventado em termos de meios de comunicação. Da imprensa, traz a palavra escrita; do rádio, a fala; da televisão, a imagem em movimento. O mais importante, no entanto, é que, ao contrário do rádio, jornal e televisão, a Internet incorporou também as características do telefone, tornando o internauta não apenas receptor, mas também emissor da informação.

Cada reserva de memória, cada grupo, cada indivíduo, cada objeto pode tornar-se emissor e aumentar o fluxo. A esse respeito e de maneira colorida, Roy Ascott fala do segundo dilúvio. O dilúvio de informações. Para o melhor ou o pior, esse dilúvio não será acompanhado por nenhum refluxo. Devemos acostumar-nos a essa profusão e a essa desordem. A não ser alguma catástrofe cultural, nenhum grande reordenamento, nenhuma autoridade central nos levará de volta à terra firme, nem às paisagens estáveis e bem balizadas anteriores à

inundação (Lévy, 1999, p. 160-161).

O resultado dessa evolução é a expansão das relações entre as pessoas. Hoje se pode interagir com alguém de qualquer canto da terra, recebendo e dando informações, através do correio eletrônico, chats, listas de discussão, fóruns, etc. Deixamos de ser apenas expectadores, para nos tornarmos também participantes ? e podemos fazer isso em escala mundial.

O lado positivo da mundialização nos relacionamentos entre os indivíduos é que aprendemos a conviver com a diversidade, tanto lingüística como cultural. Não causa mais tanta estranheza que alguém tenha um sotaque diferente do nosso, consuma outros alimentos ou vista-se com outras roupas. O lado negativo é que a convivência leva á uniformização. Cria-se uma cultura homogênea, onde alguns traços de outras culturas podem ser incorporados, mas muitos outros serão descartados.

À medida, portanto, que se expandem as relações entre as pessoas, diminui a diversidade cultural e o número de línguas faladas na terra - através de um processo de fusão. Isso parece fazer parte de um fenômeno universal. Quando o mundo começa a funcionar em rede, não só as línguas e as culturas se fundem, mas também os países e as empresas; a União Européia já está num processo bem adiantado de fusão, o Mercosul, mais lentamente, caminha para uma fusão de diferentes países e a NAFTA, reunindo os países da América do Norte, também já começou. Empresas de automóveis, companhias aéreas, fábricas de cerveja, bancos, etc. estão continuamente passando por um processo de fusão. Para o bem ou para o mal, e apesar dos focos de resistência, estão diminuindo o número de empresas, o número de países e o número de línguas faladas.

Se antigamente podíamos viver interagindo apenas com os membros de nossa família, hoje para viver e exercer nossa cidadania, temos que interagir com pessoas que estão mais distantes de nós: além do círculo familiar, além dos limites da cidade, além das fronteiras do país - pelos menos enquanto existirem os países, já que um dia provavelmente desaparecerão. Nossa pátria será o planeta Terra. Conforme Morin

(2000): “A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente” (Morin, 2000, p.75).

Quando a deputada Jussara Cony, criticando a invasão dos termos estrangeiros na língua portuguesa, afirma que soa natural dizer “fui ao freezer e abri uma coca diet”, ela está afirmando, sem querer, que esses termos (“freezer” e “diet”) já foram incorporados pelo povo à língua portuguesa - de modo que, quando falamos descontraidamente, preferimos dizer “coca diet” e não “refrigerante dietético”. A opção entre interpretar um termo importado como invasão de uma língua estrangeira no português ou como incorporação pela língua portuguesa de termos estrangeiros parece uma questão de postura ideológica que pouco, ou em nada, influenciará o rumo da evolução da língua, tradicionalmente avesso a tentativas de normatização e de legislação. Via de regra, não temos numa determinada língua um termo que corresponda ao termo importado. A palavra inglesa “gay”, por exemplo, tem traços semânticos e culturais que não estão presentes em possíveis traduções para o português, desde um termo possivelmente mais neutro como “homossexual” até termos mais carregados como “bicha”, “veado” ou “pederasta”.

A postura ideológica da invasão parte do pressuposto de que há entre os países relações assimétricas de poder, do tipo colonizador/colonizado, onde os países da periferia nada têm a oferecer a não ser a resistência a tudo que vem do outro país, resistência muitas vezes calcada no incentivo ao ódio, que, por sua vez, parece calcado num enorme e invencível complexo de inferioridade, como se nada tivéssemos a oferecer aos outros países. Qualquer tentativa de aproximação é vista como uma atitude de extrema ingenuidade, de alienação total.

A postura ideológica da fusão parte da idéia de H. G. Wells de que nossa verdadeira nacionalidade é a humanidade; “O nacionalismo é uma doença infantil. É o sarampo da humanidade”. (Einstein, citado por Fiorin, 2000, p. 62). A idéia de relação assimétrica de poder entre os países é substituída pela idéia de interdependência, de convivibilidade: nenhum país é tão rico e auto-suficiente que nada precise dos outros, nem tão pobre que nada tenha a oferecer. Ainda conforme Morin:

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo. (Morin, 2000, p. 67).

ÁTOMOS E BITS

Pode-se dizer que a ciência é a busca do indivisível, da miragem da partícula mínima que paira além da molécula, do átomo e das cadeias de DNA. A única área em que se conseguiu chegar a essa partícula mínima foi na informática, talvez justamente por não se ter chegado a ela, mas por se ter partido dela, já que a ciência da computação foi construída de modo ascendente a partir do bit.

O bit, como unidade mínima de informação, permite apenas dois estados opostos: ligado ou desligado. Esses dois estados podem ser representados de várias maneiras no mundo que nos cerca, desde que seja possível construir uma oposição binária, incluindo, por exemplo, estados como perfurado ou não-perfurado, aberto ou fechado, aceso ou apagado, luz ou treva, ruído ou silêncio. Combinando seqüências de oposições, é possível não só construir uma representação complexa do mundo que nos cerca, desde um quadro de Renoir a uma sinfonia de Beethoven, mas, o que é mais importante, transmitir essas representações de um lugar para outro por qualquer meio disponível de transmissão, teoricamente desde sinais de fumaça ou rufar de tambores, até ondas de rádio, cabos telefônicos ou fibras óticas. Por se tratar de transmissão de dígitos binários, unidades mínimas e indivisíveis, não há possibilidade de distorção; a imagem de chegada é sempre rigorosamente igual à imagem de partida, a cópia é sempre igual ao original, ainda que intermediada por inúmeras outras cópias.

Uma maneira de melhor entender o bit como unidade indivisível é

compará-lo a uma unidade divisível, como o átomo, por exemplo. O átomo, embora ironicamente tenha o significado de indivisível, é na realidade composto de outras unidades, que por sua vez são ainda compostas de unidades menores. As diferenças entre os objetos feitos de átomos e os feitos de bits são cruciais para se entender o papel da tecnologia na mundialização. Partindo da idéia inicial de Negroponte (1995), podemos destacar, entre outras, as seguintes diferenças (Quadro 2):

Quadro 2 - Diferenças entre átomos e bits

Átomos	Bits
Tangíveis	Intangíveis
Difíceis de manipular	Fáceis de manipular
Não teletransportáveis	Teletransportáveis
Alto custo	Baixo custo
Não compactáveis	Compactáveis
Com fronteiras	Sem fronteiras
Com limitações de tempo	Sem limitações de tempo
Com limitações geográficas	Sem limitações geográficas
Comunidades tradicionais	Comunidades customizadas

Os objetos feitos de átomos são tangíveis. Podem ser tocados, olhados, escutados, cheirados e muitas vezes até degustados. Tem uma presença física marcante, com características de peso, densidade, cor, etc., fazendo parte do mundo real que nos cerca. Os bits, por outro lado, fazem parte de um mundo digital, virtual e desmaterializado, que podem simular o mundo real, mas que na verdade não têm suas características.

Uma questão importante aqui é o valor atribuído a este mundo virtual, geralmente visto como inferior, falso e indesejável, quando comparado ao mundo real. A questão, no entanto, está mal posta. O mundo virtual não compete com o mundo real; é apenas um mundo que representa

outro, a semelhança de nossa mente que representa internamente o mundo externo. Ninguém afirmaria que o conhecimento que temos do mundo seria falso por não ser o próprio mundo. O conhecimento do mundo, construído através de representações, é necessário para a interação entre as pessoas, para conversar e trocar idéias. Sem esse mundo representado, que é a base da linguagem, não teríamos nem condições de existir como seres humanos.

Guardadas as proporções, podemos dizer que o mundo virtual dos bits simula o processo de representação do mundo em nossa mente. Podemos até afirmar que o software, o programa de computador, está para o hardware, o circuito integrado do equipamento, assim como a mente está para o cérebro (Rebollo, 1998). O mundo virtual é também feito de representações simbólicas, mas isso, em vez de ser uma desvantagem, representa na verdade inúmeras vantagens, entre as quais podemos enumerar as seguintes:

Os objetos constituídos de átomos, justamente por suas características físicas, são mais difíceis de serem manipulados. Acomodar um piano numa sala, dar um nó em uma gravata ou estacionar um carro numa ladeira movimentada podem exigir níveis elevados de habilidade motora ou de esforço físico que nem todas as pessoas possuem.

Os átomos são mais difíceis de serem transportados. Mover um piano de cauda de um canto a outro da sala já pode ser uma tarefa extenuante, mas é ainda mais difícil levá-lo de um prédio a outro, descendo e subindo escadas. Se for necessário transportá-lo para um outro país, haverá problemas de alfândega e burocracia, gastos de transporte e tempo, que pode, em alguns casos, chegar a várias semanas. O teletransporte de objetos constituídos de átomos, ou mesmo sua compactação, que permitisse, por exemplo, reduzir em dez ou cem vezes o peso e o tamanho de um objeto, ainda pertence, como se sabe, ao mundo da ficção científica.

Quando, no entanto, o concerto produzido pelo pianista for gravado e transformado num arquivo digital, este concerto fica disponível em unidades mínimas de informação, os bits, e pode, portanto, ser facilmente manipulável. Pode ser teletransportado de um lugar para outro sem restrições de alfândega (não há como reter um arquivo digital na fronteira entre um país e outro) e não tem restrições de tempo ou de espaço geográfico (o arquivo é recebido no mesmo momento em que é

enviado, independente da distância geográfica entre um ponto e outro). Além de serem teletransportáveis, os arquivos digitais podem ser compactados e ter seu tamanho reduzido, em alguns casos, em mais de cem vezes - o que torna o custo de armazenagem e transporte ainda mais acessíveis: a prensagem de um CD-ROM, por exemplo, representa um custo inferior a impressão de um livro de 100 páginas, com a capacidade, no entanto, de armazenar o equivalente a 400 livros do mesmo tamanho.

Mas a maior diferença entre átomos e bits pode estar na concepção de comunidade. Tradicionalmente, a comunidade tem sido marcada pela diversidade de seus membros e pela uniformidade geográfica: o mesmo espaço habitado por indivíduos diferentes, desde os que são totalmente aceitos até os rejeitados (esmoleiros, deficientes, pessoas de outras religiões, etc.). Ainda que rejeitados, esses indivíduos não são necessariamente excluídos. Nas comunidades menores, que têm uma tendência a se mostrarem mais intolerantes com as minorias, esses enfeitados podem ser até vítimas da chacota geral, mas mesmo assim, ou justamente por isso, fazem parte da comunidade. Partindo das idéias de Freire (1983), poderíamos talvez dizer que essas minorias estão na mas não com a comunidade.

No mundo dos bits, há uma reversão: o que era uniforme passa a ser diversificado e vice-versa. Assim, a uniformidade geográfica é substituída pela diversidade de um mundo sem fronteiras e a comunidade tradicional, diversificada, é substituída pela comunidade digital, customizada, isto é, feita sob medida para atender aos interesses de cada um de seus membros. Exemplos dessas comunidades podem ser os colecionadores de selos, os aficionados de um determinado esporte, os fabricantes de um determinado produto, etc. ? na linha do que Swales (1990) chama de comunidade discursiva.

As comunidades geográficas ? diversificadas internamente na composição de seus membros, mas uniformes entre si, na medida em que eram semelhantes de uma aldeia para outra ? tendem também à permanência. Na Idade Média, quando o pai preparava o filho para um ofício, estava preparando-o para um futuro que era sempre o mesmo, para uma profissão que não mudava durante séculos e séculos. O futuro, de certa maneira, era imutável e, por isso, previsível. O conhecimento que se exigia dos aprendizes era sempre o mesmo, de modo que se

esperava da geração seguinte o mesmo nível de conhecimento da geração anterior. No Egito Antigo, construíram-se pirâmides durante 3.000 anos. O período em si já é impressionante pela sua extensão ? correspondendo, por exemplo, a seis períodos de 500 de anos, que é a idade do Brasil desde a colonização pelos portugueses. Mais impressionante ainda, pelos padrões da atualidade, é que tenham mantido o hábito de construir pirâmides durante três milênios. Mas talvez o mais impressionante de tudo é que durante todo esse tempo, o conhecimento usado para a construção dessas pirâmides permaneceu praticamente o mesmo.

Hoje, os pais não têm mais condições de passar seu conhecimento profissional aos filhos ? não apenas porque os filhos provavelmente vão ter outros interesses, mas porque o conhecimento está constantemente mudando. Hoje, criaram-se instituições especializadas nessa função de preparar os mais jovens, como dizemos, para a vida. Daí as escolas e as universidades, que têm a obrigação não de “passar” o conhecimento para o aluno, mas de criar o próprio conhecimento; se a universidade apenas passar o conhecimento, estará dando ao aluno um produto que estará obsoleto quando ele for usá-lo. O conhecimento, como qualquer outro produto, passa a ter um prazo de validade (Leffa, 2001), e o diploma universitário deveria ter um carimbo em que esse prazo fosse especificado.

O grande desafio de se falar sobre ensino e aprendizagem é que não se pode falar sobre o momento atual: ninguém está interessado no que está acontecendo agora; queremos saber o que vai acontecer amanhã. A aprendizagem é sempre preparação para alguma coisa, e nos preparamos para o futuro, não para o presente. Quando tentamos ensinar alguma coisa para o nosso aluno, não estamos ensinando para o mundo em que vivemos hoje, mas para o mundo em que ele vai viver amanhã. Nunca houve tanta necessidade de se prever o futuro como agora, e o futuro nunca foi tão imprevisível. Este é um dos tantos desafios que a vida nos oferece: quanto mais imprevisível for alguma coisa, maior será a necessidade de prevê-la. “O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade” (Morin, 2001, p. 79).

DESAFIOS PARA O ENSINO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS

Na medida em que aumentam as relações entre as pessoas, mediadas basicamente pela linguagem, aumenta a importância do professor de línguas estrangeiras, que pode estar vivendo, agora, seu melhor momento histórico.

Para assumir essa importância, o professor precisa evoluir - o que geralmente é difícil porque a educação ainda é concebida não como geradora de novos saberes mas simplesmente como transmissora de conhecimentos antigos. O que muitas vezes o professor “passa” para os alunos é o conhecimento da geração anterior, sem se dar conta de que o que caracteriza o ser humano sobre todas as outras espécies é justamente a capacidade de evoluir. Cada geração, para garantir a sobrevivência da humanidade, tem a obrigação de ir além da geração anterior. O manual de sobrevivência do professor de línguas estrangeiras na virada do milênio envolve, a meu ver, quatro desafios: (1) geração do conhecimento, (2) animação da inteligência coletiva, (3) desenvolvimento da consciência planetária e (4) realfabetização. Colocam-se esses desafios não como exigências a mais a serem impostas a um professor já sobrecarregado de tarefas, mas como oportunidades a lhe serem oferecidas - e pelas quais também o professor deve lutar.

O desafio da geração do conhecimento sugere que o professor deve não apenas “passar” o saber, mas também a produzi-lo. A sociedade precisa de novos conhecimentos para enfrentar os inúmeros desafios do dia a dia e o professor é o profissional que, por excelência, tem condições de suprir essa necessidade.

A mundialização, aliada à necessidade de acesso a um saber cada vez mais dinâmico, torna a trabalho do professor imprescindível na sociedade atual. Isso pode ser confirmado, por exemplo, através da importância que se tem dado ao conhecimento, que precisa ser constantemente renovado. Segundo Lévy (1999, p. 157), há três constatações importantes na educação atual, assim resumidas:

1. a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional serão obsoletas no fim de sua carreira;
2. trabalhar equivale cada vez mais a aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos;
3. o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que ampliam, exteriorizam e alteram muitas funções cognitivas humanas.

O conhecimento é a matéria prima do professor, que deve agir não apenas como transmissor de saber, mas também como produtor. É difícil saber o que é mais importante, se gerar ou transmitir conhecimento. A preocupação em estabelecer essa diferença, no entanto, não existe para o professor, na medida em que ele pode exercer as duas atividades. Se o conhecimento, por si só, nunca foi tão valorizado como agora, o professor, no duplo papel de gerador e transmissor de conhecimento, deve ser duplamente valorizado. Em muitos momentos da história, e em muitos setores, ainda hoje, os detentores do saber, muitas vezes, têm-se caracterizado por reter e até sonegar o conhecimento. O professor vai mais longe: distribui o conhecimento que possui. A importância maior do professor não está em construir o conhecimento para si, e nem mesmo em construir para os outros; a importância do professor está em construir o conhecimento nos outros.

O desafio da animação da inteligência coletiva sugere que o professor precisa aprender não só a trabalhar em equipe, mas também a pensar coletivamente. Qualquer tarefa de ensino e pesquisa envolve tanto conhecimento que ninguém é mais capaz de executá-la sozinho; precisa também da inteligência dos outros, envolvendo especialistas de outras áreas de conhecimento. Se antes o professor de inglês se reunia apenas com outros professores de inglês, hoje precisa se reunir com professores de outras disciplinas; há sempre temas e tarefas transversais que só podem ser executadas reunindo as inteligências de diferentes pessoas e áreas do saber.

Formar um grupo afinado onde a inteligência fique coletivamente distribuída, de modo que o conhecimento de um se encaixe no desconhecimento do outro, e vice-versa, era uma tarefa extremamente difícil, talvez impossível na comunidade da aldeia tradicional. Na

comunidade virtual, com a rapidez e facilidade de transmissão de informações sem limites geográficos, a formação de uma comunidade discursiva, afinada em seus interesses específicos, torna-se possível. Paradoxalmente, o virtual, que existe apenas como potencialidade em seu significado original, transforma o ideal em realidade, possibilitando o prazer de se trabalhar num grupo onde a inteligência de cada um se soma à inteligência do outro. É o que Lévy (1999) chama de “sinergia de competências”, um trabalho coordenado de forças em que o todo é maior que a soma das partes.

O ideal mobilizador da informática não é mais a inteligência artificial (tornar uma máquina tão inteligente, mais inteligente até, quanto um homem), mas sim a inteligência coletiva, isto é, a valorização, a utilização otimizada e a colocação em sinergia das competências, imaginações e energias intelectuais, independentemente de sua diversidade qualitativa e de sua localização (Lévy, 1999, p. 167).

O desafio da consciência planetária é sugerido a partir de Morin (2000). Nossa pátria não é mais nossa família, nossa comunidade ou nosso país. Nossa pátria é o planeta Terra. Somos todos filhos do mesmo planeta, habitando a mesma biosfera e sujeitos aos mesmos tipos de sentimento, oscilando entre amor e ódio, medo e coragem, alegria e tristeza.

Temos todos uma identidade genética, cerebral, afetiva comum em nossas diversidades individuais, culturais, sociais. Somos produto da vida da qual a Terra foi matriz e nutriz. Enfim, todos os humanos, desde o século XX, vivem os mesmos problemas fundamentais de vida e morte e estão unidos na mesma comunidade de destino planetário (Morin, 2000, p. 76).

O professor de línguas estrangeiras está no ponto de encontro de duas forças antagônicas e poderosas. De um lado, o apelo constante em resguardar e defender nossa língua e cultura; do outro, a necessidade de conviver com a língua e cultura do outro. O desafio para o professor é achar o ponto equilíbrio entre a preservação da nossa individualidade e a aceitação da diversidade do outro, evitando uma espécie de esquizofrenia cultural. Maior do que esse desafio, só a importância do professor neste momento. Recorro aqui mais uma vez a Morin:

É necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas - e por meio de - culturas singulares.

Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir, e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos (Morin, 2000, p. 76).

Finalmente, o desafio da realfabetização parte do princípio de que o professor não pode ser analfabeto, e deve conhecer, com bom nível de proficiência, os processos de mediação através dos quais se dá o acesso ao conhecimento. Quando foi introduzida a imprensa, por exemplo, o professor da época talvez preferisse os livros caprichosamente copiados pelos escribas profissionais, em vez dos incunábulos e alfarrábios que começaram a circular, mas teve que se realfabetizar. Atualmente, pode preferir lápis e borracha, escrevendo e apagando várias vezes, mas não pode ignorar que já existem outras tecnologias para redigir um texto. Entre as novas prioridades que o professor precisa desenvolver, está o uso do computador, levando em consideração as mudanças que ele está introduzindo na mediação do conhecimento. No computador, a hierarquia do saber deixa de ser estática para ser dinâmica, reorganizado-se para cada momento e cada necessidade. Não é o fim da taxionomia, mas a evolução do estático para o dinâmico. A estrutura clássica do livro impresso em papel, por exemplo, com o sumário inicial remetendo a cada capítulo e seção, distribuídos linearmente ao longo das páginas, numa disposição imóvel e permanente, é agora substituída pela busca automática de autores, tópicos e mesmo qualquer palavra. Se alguém estiver interessado em saber, por exemplo, como Shakespeare usou uma determinada palavra, pode fazer uma busca em suas obras completas e ver todos os exemplos de uso da palavra em menos de um minuto. Sumários e índices deixam de existir como estruturas estáticas para serem construídos on-line, em tempo real, para atender às necessidades do usuário.

Na Web, tudo está no mesmo plano. Não obstante, tudo está diferenciado. Não há nenhuma hierarquia absoluta, e cada sítio é um agente de seleção, de encaminhamento ou de hierarquização parcial. (Lévy, 1999, p. 160)

Essa realfabetização envolve não só o desenvolvimento de competências, mas também de atitudes produtivas. Entre as competências, existe a necessidade de desenvolver as habilidades mínimas no uso do computador, tais como criar e salvar um arquivo, movimentar parágrafos dentro do texto, usar os recursos gráficos mais comuns como tabelas e folhas de estilo, usar o correio eletrônico, enviar arquivos anexados e fazer pesquisas na Internet.

Em termos de atitude, acredito que o professor deve procurar evitar

aquela resistência surda que muitas pessoas têm contra tudo que envolve novas tecnologias; deixar de desejar, por exemplo, que numa apresentação, as coisas não funcionem; tem gente que lava a alma quando vai a uma demonstração e alguma coisa sai errada por algum problema técnico. Ter também uma expectativa razoável do que a máquina pode e não pode fazer. Finalmente, encarar o computador como um servo, um escravo obediente e submisso. O computador pode ser extremamente útil no trabalho do professor e deve ser visto como um meio, um instrumento de mediação entre o professor, seus colegas e seus alunos.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi tentar mostrar como as mudanças da sociedade atual, na medida em que intensificam e aumentam as relações entre as pessoas, podem afetar o ensino de línguas estrangeiras. A principal argumentação foi de que a expansão dos meios de comunicação afetou a organização das comunidades tradicionais, que deixaram de ser determinadas por limitações geográficas para serem determinadas por interesses ocupacionais. Os vários fatores que levaram a essas transformações foram analisados e comentados, incluindo o desenvolvimento dos meios de comunicação, a evolução do átomo para o bit e o impacto da Internet. Finalmente, tentou-se mostrar como essas transformações afetam, entre outros aspectos, a diversidade lingüística no planeta, a geração do saber e a própria inteligência, que deixa de ser individual para ser coletiva. Procurou-se mostrar que o processo básico da mudança é a evolução e não a substituição.

Admite-se que alguns pontos apresentados aqui podem ser extremamente polêmicos. Argumenta-se, por exemplo, que a diversidade lingüística será reduzida não por substituição de uma língua por outra, mas por um processo de fusão. Entende-se por essa interpretação que a língua minoritária não será necessariamente substituída ou invadida pela língua hegemônica, mas terá condições de sobreviver como língua, enriquecendo-se até, na medida em que incorpora elementos da outra, de modo que com o tempo acabará evoluindo para uma língua diferente, o que, em última análise, acontecerá também com a língua hegemônica. A idéia de que há um genocídio lingüístico é vista aqui como opção por um posicionamento ideológico de resistência, avesso a qualquer tentativa de pacificação.

Admite-se, no entanto, que a atitude pacificadora apresentada aqui, é também uma opção ideológica ? e as línguas, de certa maneira, seguirão seu destino, independente do que podem achar algumas pessoas e de leis que criarem para interferir no curso de sua evolução.

Nas comunidades virtuais, a língua estrangeira deixa de ser estrangeira, passando a pertencer não a um indivíduo mas à comunidade que a usa. Enquanto que as comunidades tradicionais eram homogêneas entre si e heterogêneas entre seus membros, as comunidades virtuais são heterogêneas entre si e homogêneas em termos de seus participantes; os que pertencem, por exemplo, à comunidade discursiva dos colecionadores de selos falam uma língua comum entre si, que é diferente da língua falada pelos programadores de uma determinada linguagem de computador, ou de qualquer outra comunidade.

Assim como a língua não pertence ao indivíduo, mas à comunidade que a usa, a inteligência também deixa de ser um dote do indivíduo para ser um patrimônio da coletividade. Muitas tarefas, pela sua complexidade, só podem ser executadas pela convergência da inteligência distribuída entre as pessoas empenhadas na sua execução, incluindo a tarefa de ensinar. O professor precisa aprender a trabalhar em equipe.

Vivemos num mundo onde as coisas estão sempre mudando, o que não significa que elas estão sendo substituídas por outras, mas sofrendo um processo de evolução, muitas vezes incorporando elementos umas das outras. A televisão não substituiu o rádio, o avião não substituiu o navio ? como o computador não substituirá o professor e o ensino a distância não substituirá o ensino presencial. O computador vai afetar o trabalho do professor, obrigando-o a fazer apenas aquilo que a máquina não pode fazer, e conseqüentemente tornando seu trabalho muito mais interessante. O ensino a distância vai acabar com o ensino presencial naquilo que pode ser substituído pelo ensino a distância, tornando também o ensino presencial muito mais interessante. Na medida em que todos esses elementos vão interagindo entre si, criando uma espécie de distribuição complementar, expressões como ensino por computador ou ensino presencial vão desaparecer; haverá apenas ensino, incorporando naturalmente as diferentes tecnologias.

REFERÊNCIAS

CONY, Jussara. Projeto de Lei no. 65/2000. Boletim ALAB. Pelotas: Educat, v. 4, n. 4, 2000, p.18-23.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma apresentado à Câmara dos Deputados pelo deputado Aldo Rebelo. Boletim da ALAB. Pelotas: Educat, v. 4, n. 4, 2000, p.62-75.

LEFFA, Vilson J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In LEFFA, V. J. O professor de línguas; construindo a profissão. Pelotas: EDUCAT, 2001, p. 334-355.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Ireneu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 260 p. (Coleção TRANS)

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. Tradução do original em inglês por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA MARTINS. Quadro das instituições primitivas. 3 ed. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1909.

PHILLIPSON, R.; SKUTNABB-KANGAS, T. English only worldwide or language ecology? TESOL Quarterly, Philadelphia, v. 30, n.3, p. 429-452, 1996.

PHILLIPSON, Robert: "Linguistic Imperialism", Oxford University Press, 1992.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Linguistic genocide in education or worldwide diversity and human rights? Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.